

A PRAÇA MAIOR DA UNB*

Andrey Rosenthal Schlee

Resumo

O artigo discute a Praça Maior da Universidade de Brasília, projeto elaborado por Oscar Niemeyer em 1962 e não executado. Para tanto, contextualiza a produção da “obra” e analisa três conjuntos de documentos: a Série da UnB (desenhos publicados pela Instituição), a Série Módulo (desenhos e fotos de maquetes publicados na revista Módulo) e a Série Original (desenhos originais arquivados no Centro de Documentação da Universidade de Brasília). Considerando a grande quantidade de documentos estudados, parte do artigo foi montada como uma seqüência de imagens comentadas e que ilustram dois processos particulares: o criativo de Oscar Niemeyer e o de publicação de suas obras.

Palavras-Chave: Brasília, Universidade de Brasília, Praça Maior, Oscar Niemeyer, Lucio Costa

Abstract

This article discusses the Main Square of the University of Brasilia, designed by Oscar Niemeyer in 1962 and not carried out. For this, it contextualizes the production of the “work” and assesses three sets of documents: the UNB Series (drawings published by the Institution), the Módulo Series (drawings and photos of models published in the Módulo magazine) and the Original Series (original drawings filed in the Documentation Centre of the University of Brasilia). Considering the great amount of documents studied, the second part of the article was conceived as a sequence of images that illustrate two particular processes: the creative aspect of Oscar Niemeyer and the publishing of his works.

Key-Words: Brasília, University of Brasilia, Main Square, Oscar Niemeyer, Lucio Costa

* Trabalho apresentado no 9º Seminário DOCOMOMO Brasil, Brasília, 2011.

INTRODUÇÃO: UM FURO!

Em novembro de 2009, a *Darcy* – revista de jornalismo científico e cultural da Universidade de Brasília (UnB) – publicou uma série de desenhos de Oscar Niemeyer. Segundo o periódico, tratava-se do resgate histórico de material inédito. O furo jornalístico implicava em divulgar (rapidamente!) “desenhos do Niemeyer de prédios da UnB que nunca foram construídos.”¹ Ao todo, uma série de documentos formada por “11 croquis e 50 esboços”.

Segundo os editores da revista, “a descoberta de nosso repórter numa gaveta do Centro de Documentação da universidade nos obrigou a convocar especialistas e a mobilizar a brava equipe de 19 profissionais.”² Em sua edição de 24 de novembro, a Folha de São Paulo anunciou a boa nova! “Do baú de Niemeyer. Onze desenhos inéditos de Oscar Niemeyer, feitos para o campus da UnB, foram encontrados há algumas semanas nos arquivos da universidade.”³ A história é fantástica! Mas poderia ser contada de outra forma...

Considerando o tema central do 9º Seminário Docomomo Brasil, “interdisciplinaridade e experiências em documentação e preservação do patrimônio recente”, cabe aqui apresentar a nossa leitura dos fatos (Variações sobre um mesmo tema) e dos documentos (Uma história em quadros). Em função das análises realizadas, a segunda parte do artigo foi montada como uma sequência de imagens comentadas.

VARIAÇÕES SOBRE UM MESMO TEMA

A história inicial é conhecida. Ainda em 1960, Juscelino Kubitschek encaminhou ao Congresso Nacional solicitação para criar uma instituição de ensino superior na Capital. Em dezembro de 61, foi autorizada a criação da Fundação Universidade de Brasília. As primeiras aulas foram ministradas já em 62. Darcy Ribeiro era o Reitor. Oscar Niemeyer e Lucio Costa foram designados os coordenadores do pioneiro Curso de Arquitetura e Urbanismo. Oscar vivia na nova Capital, Lucio permanecera na velha. O primeiro mergulhou no sonho de Darcy com a mesma intensidade como fizera nos sonhos de Kubitschek. O segundo acompanhava tudo de longe, na qualidade de eterno consultor.

Em maio de 62, foi finalizada a impressão do chamado Plano Orientador da UnB. Nele foram publicados, pela primeira vez, o projeto da cidade universitária, elaborado por Lucio Costa; e os “riscos de Oscar Niemeyer para a Praça Maior da Universidade.”⁴ São quatro grupos de desenhos (o do conjunto, o do museu da civilização brasileira, o do auditório, e o da reitoria e biblioteca), e que vamos chamar de **Série UNB**. Dois meses depois, foi a vez da revista Módulo⁵ publicar a Praça Maior, apresentando um novo e distinto conjunto de desenhos, acompanhados de fotografias de uma maquete. Vamos chamá-lo de **Série Módulo** – com os projetos melhor desenvolvidos. Por fim, temos a

¹ DARCY, 2009, p.3.

² Ana Beatriz Magno e Luiz Gonzaga Motta In. DARCY, 2009, p.3.

³ Mônica Bergamo In. FOLHA DE SÃO PAULO, 2009.

⁴ UNB, 1962, p.32-33.

⁵ MÓDULO, 1962, p.7-15.

denominada **Série Original**, o material divulgado pela *Darcy*, e que ilustra dois processos: o criativo de Niemeyer e o de publicação de suas obras.

A história intermediária também é conhecida. A Praça Maior de 62 não foi executada. O golpe militar interrompeu a implantação da Universidade desejada. Mais do que isso, liquidou com o sonho de Darcy. Em 1965, ocorreu a demissão – em conjunto – de cerca de 90% dos professores da Instituição. Com a partida de Niemeyer, os projetos do Centro de Planejamento, o Ceplan, ficaram à deriva. Neste contexto, o arquiteto Virgínio Sosa ficou com a **Série Original** e a levou para o Panamá, seu país de origem. A **Série Módulo** encontra-se na Fundação Oscar Niemeyer.

A partir dos primeiros anos da década de 70, a UnB tomou novos rumos. O seu plano urbanístico foi reelaborado. A Praça Maior foi rebatizada como Praça Central. Um Centro de Vivência (de Pedro Paulo Saraiva) foi acrescido ao conjunto e os edifícios da Biblioteca Central (de José Galbinski e Miguel Pereira) e da Reitoria (de Paulo Zimbres) foram executados. Foi também projetado outro complexo de Aula-Magna e Museu (de Matheus Gorovitz). Tais iniciativas sepultaram definitivamente a Praça Maior de Niemeyer – fato que sempre incomodou o arquiteto.

Reitoria e Biblioteca estavam funcionando em 1975. Vivência e Museu foram igualmente abandonados. Num

período de exceção e censura, Darcy Ribeiro resolveu falar! E escreveu *UnB: Invenção e Descaminho* (1978). Ilustrado por Niemeyer, o livro apresenta novos desenhos da velha Praça Maior. Apoiado pelo amigo, Darcy sentenciou: “Pena que a mediocridade e a inveja tenham privado Brasília da maior parte do que Oscar projetou para a Universidade. Penso, principalmente, na Praça Maior que hoje poderia estar atraindo tanta atenção quanto a Praça dos Três Poderes...”⁶ O texto causou polêmica e ainda hoje gera desconforto entre os arquitetos⁷.

A **Série Original** permaneceu na Cidade do Panamá até 2001 quando, por iniciativa de Virgínio Sosa, foi devolvida à UnB. Como um lindo “espólio de guerra”, coube pessoalmente a presidente do Panamá, Mireya Elisa Moscoso Rodriguez de Arias, entregar ao reitor, Lauro Morhy, o conjunto de desenhos. O material foi logo encaminhado ao Ceplan onde permaneceu, emoldurado e em exposição, até ser enviado definitivamente para o Centro de Documentação da UnB, Cedoc⁸. Tratados por especialistas do laboratório de higienização, preservação e restauração de documentos, todos os desenhos foram corretamente manuseados e logo armazenados em gavetas horizontais apropriadas para a sua correta conservação. Foi quando ocorreu “a descoberta” do material pelos jornalistas da *Darcy*!

⁶ RIBEIRO, 1978, p.40.

⁷ Ver o artigo *Sobre uma “Arquitetura pretensiosa, vitrineira e tola”*. PE-REIRA, 2005, pp.46-50.

⁸ É “órgão de assessoramento da Administração Superior da Universidade de Brasília, tem por finalidade recolher, preservar e garantir o acesso aos documentos arquivísticos de valor permanente produzidos e acumulados pelas áreas meio e fim da FUB, bem como aos bens culturais históricos, constituindo-se em instrumento de apoio à administração, à cultura, à história e ao desenvolvimento científico e tecnológico, de acordo com os interesses da Universidade”. Disponível em: <http://vsites.unb.br/cedoc>. Acesso em: 20-02-2011.

UMA HISTÓRIA EM QUADROS

Como dito, em 1962, foi publicado o Plano Orientador da UnB. Nele Lucio Costa apresentou o seu estudo de Urbanização da UBA (sic). A gleba destinada à Instituição apresentava o formato de um “arco indígena”. No qual, a *corda* corresponde à via L3 Norte – limite com a cidade; e a *vara arqueada*, à via L4 Norte – “Via da Universidade”, próxima ao lago. Na porção central desta *vara* (nordeste), Lucio Costa implantou a chamada Praça Maior (Figura 1).

Trata-se de uma praça quadrangular, delimitada por edifícios funcionalmente significativos que a **tangenciam** (ver a Figura 2): a Aula Magna (1), a Reitoria (2), a Biblioteca (7), a Rádio (6) e o Museu da Civilização Brasileira (5). Deste núcleo cultural e administrativo fariam parte, ainda, o Museu da Ciência (3), o Museu da Arte (4) e a Editora da UnB (8).

Considerando que Lucio Costa imaginou a cidade universitária como um grande parque, com “toda a área cortada por estradas, predominantemente curvas, que pela suavidade contrastam predominante com as linhas hieráticas do conjunto da cidade”⁹ e observando-se a Figura 2 (ampliação de parte da Figura 1), poder-se-ia imaginar que a base de tal Praça seria verde – um jardim gramado, como o do Campus Central da Universidade Nacional Autônoma do México, UNAM (1949-1952).

No entanto, não há como negar o parentesco existente entre a Praça Maior

da UnB com a Praça Maior da Cidade Universitária do Brasil, CUB (1936). Projetada por Lucio Costa e equipe, também pode ser descrita como uma praça “quadrangular, delimitada por edifícios funcionalmente significativos que a **tangenciam**”, só que pavimentada. São eles: o pórtico, a reitoria, a aula magna e a biblioteca.

Na UnB, são cinco os edifícios diretamente voltados para a praça: o auditório (1 na Figura 2), a reitoria (2), o Museu da Civilização Brasileira (5), a rádio (6) e biblioteca (7). No entanto, unindo-se os volumes do museu com o da rádio, para a formação do pórtico de acesso, conforme sugerido pelo desenho (Figura 2), temos os mesmos edifícios da CUB, ou seja: pórtico, reitoria em altura, aula magna e biblioteca.

Lucio Costa não chegou a detalhar como seria o pórtico de acesso da UnB. Porém, pelo menos, duas soluções devem ser lembradas em função dos precedentes: com a cobertura na altura do coroamento das edificações lindeiras, como no caso do pórtico da CUB (Figura 4); ou com a cobertura na altura do primeiro pavimento das construções confrontantes, como no museu da CUB (Figura 5).

Ao iniciar a sua atividade no Ceplan, Oscar Niemeyer introduziu modificações substanciais no projeto urbano de Lucio Costa, que passou a ser respeitado apenas como uma sugestão de macro-zoneamento. O desenvolvimento do Instituto Central de Ciências, ICC, comprova tal afirmação.

⁹ Lucio Costa In. UNB, 1962, s.n.

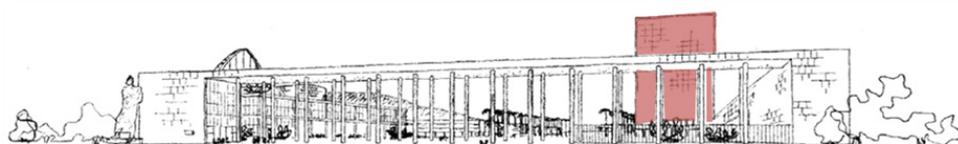
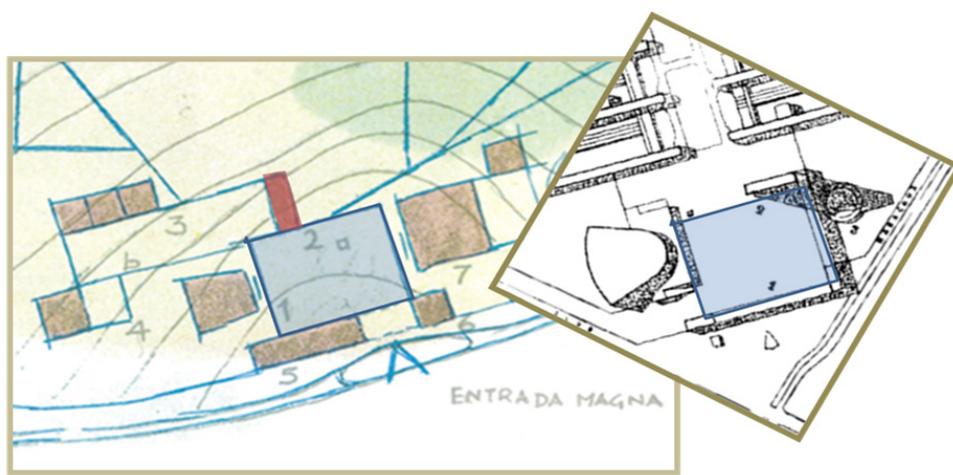


Figura 4 – Comparação entre a Praça Maior da UnB e a Praça Maior da CUB. Perspectiva do pórtico da CUB (1936), Lucio Costa e equipe. Fonte: UNB, 1962 e COSTA, 1995, p.184 e 188.

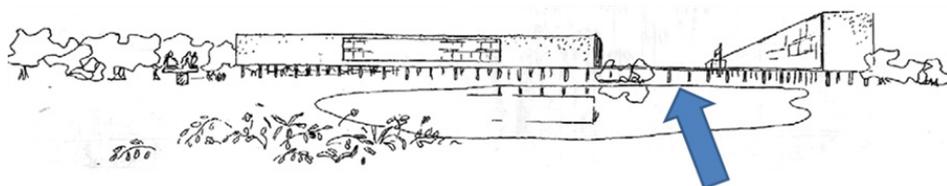
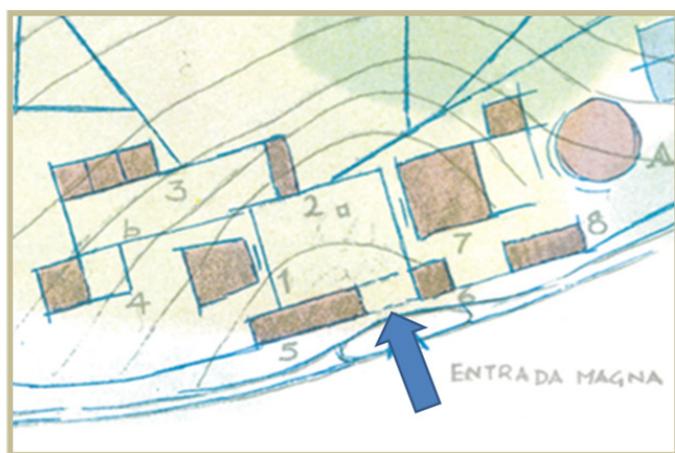


Figura 5 – Comparação entre o acesso da Praça Maior da UnB, de Lucio Costa, e o projeto do Museu da CUB (1936), de Lucio Costa e equipe. Fonte: UNB, 1962 e COSTA, 1995, 186.

Entre outras transformações introduzidas, o arquiteto inverteu o sentido da Praça Maior de Lucio Costa que, em sua nova versão, passou a abrir-se completamente para as visuais do lago. Agora de desenho retangular, a Praça passou a articular apenas quatro prédios fundamentais: a aula magna, a reitoria, a biblioteca e o Museu da Civilização Brasileira (Figura 14). Sendo que o museu, elevado quatro metros do solo, atuaria como pórtico ou porta para o restante da Universidade.

Mas a modificação fundamental diz respeito ao caráter da praça, que passou a ser tratada como uma grande base

para o depósito e articulação de volumes distintos: uma plataforma, “uma superfície horizontal que delimita o espaço de interação e coexistência entre os volumes principais de uma composição”¹⁰.

Quando da elaboração do projeto do Centro de Treinamento da Aeronáutica em São José dos Campos (1947), Oscar Niemeyer – provavelmente – empregou pela primeira vez o recurso da base pavimentada que apoia e organiza distintos edifícios de um complexo programa de necessidades. Opção que ficou ilustrada junto à memória do projeto, conforme reproduzida na Figura 6:

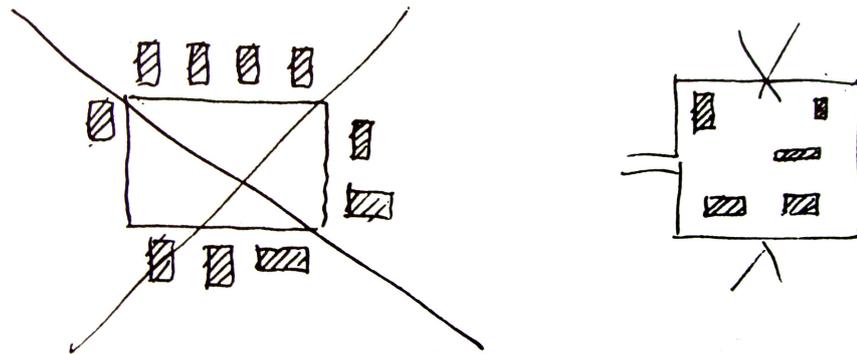


Figura 6 – Estudo para a praça cívica do Centro de Treinamento da Aeronáutica em São José dos Campos (1947), Oscar Niemeyer. Fonte: PAPADAKI, 1950, p.164.

O desenho de Niemeyer nos remete à escultura *Projeto de uma praça* (1930-31), de Alberto Giacometti. Obra que, segundo Jopep Maria Montaner, é a chave para o entendimento do conceito de espaço público da arquitetura moderna: diversos objetos abstratos colocados sobre uma plataforma. Para o autor, “a arquitetura moderna projetou de maneira sistemática o espaço aberto, a matéria invisível que se configura entre as formas abstratas

dos edifícios e que permite articular a complexidade”¹¹.

Oscar Niemeyer voltou a empregar a plataforma no estudo preliminar da ONU (1947). Ele decompôs o programa de necessidades da Instituição em unidades menores, capazes de serem resolvidas com volumes puros (secretariado, conselhos, comissões e assembleia geral) e os organizou sobre uma plataforma, de maneira a gerar a denominada de Praça

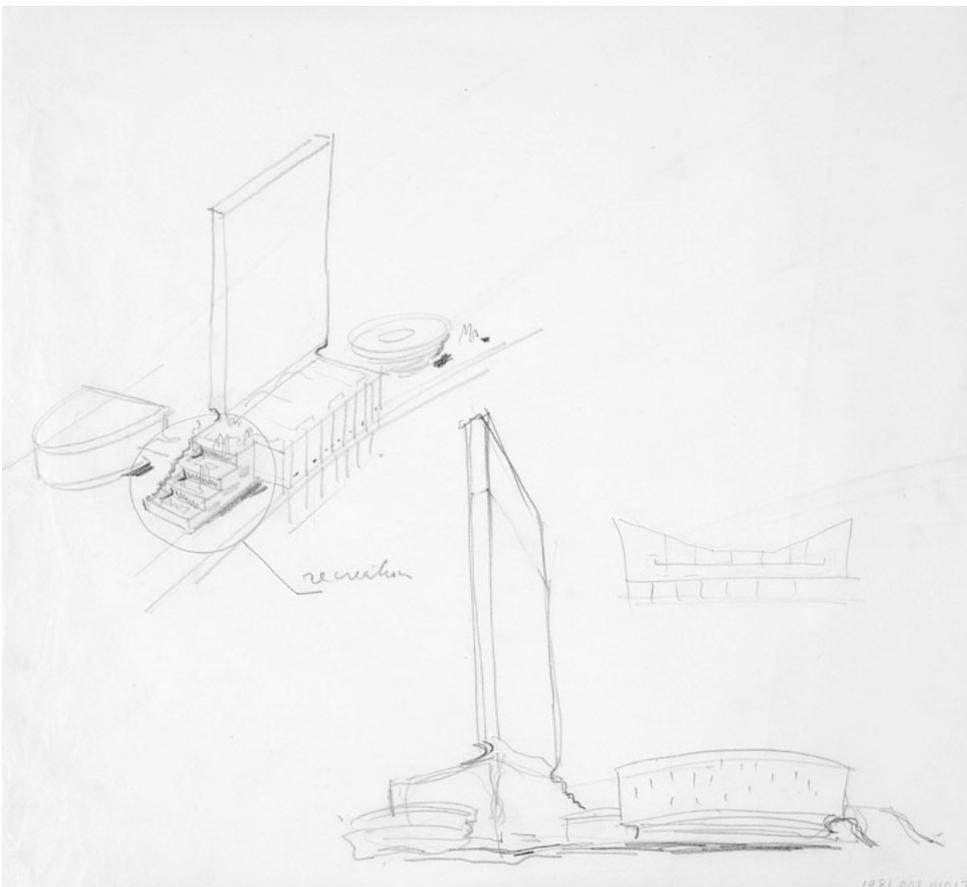
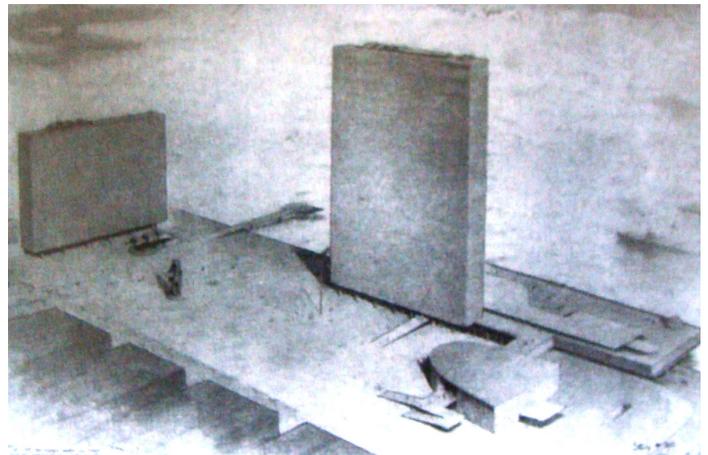
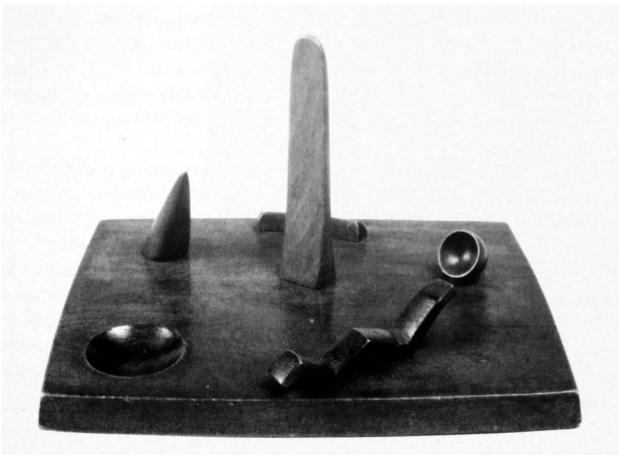


Figura 7 – Projeto de uma Praça (1930-1931), Alberto Giacometti. Fonte: MONTANER, 2008, p.19.

Figura 8 – Estudo de volumetria para a sede da ONU (1947), Oscar Niemeyer. Fonte: Arquivo FAU UnB.

Figura 9 – Estudos para a sede da ONU (1947), Wallace Harrison e Max Abramovitz (Fonte: Avery Library, Drawings and Archives, Wallace Harrison Collection. Disponível em: <http://www.columbia.edu/cu/lweb/eresources/exhibitions/treasures/html/113.html>)

das Nações Unidas (Figura 8 e Figura 11). Assim, os edifícios de escritórios atuam como limites do espaço vazio e apresentam-se sobre pilotis (sugerindo porosidade e atectonicidade), já o grande auditório da assembleia, ao contrário, assenta-se diretamente na praça e é acessível por meio de rampas e passarelas (sugerindo compacidade e tectonicidade).

Segundo Frederico de Holanda, na ONU, “Niemeyer dá primazia aos espaços formados pelos edifícios (...) a volumetria é comandada pela configuração especial desejada”¹² Estratégia compositiva exitosa, que diferenciou o estudo do arquiteto brasileiro das propostas então elaboradas pelos demais convidados do *Planning Committee*, como exemplificado pelo estudo desenvolvido por Wallace Harrison – o coordenador dos trabalhos (Figura 9):

Existem duas variantes do projeto de Niemeyer para a Praça Maior da UnB. No primeiro, o prédio da reitoria atua como marco vertical no campus, com 50m de altura, cerca de quinze pavimentos (Figura 10 e Figura 15). No segundo, a reitoria assume uma posição secundária aos demais monumentos do conjunto (Figura 17). Explica o arquiteto:

Ao estudarmos a Praça Maior da Universidade de Brasília, foi nossa preocupação impedir que seus edifícios lhe conferissem, por suas proporções, aspecto monumental. Com esse objetivo reduzimos alturas, volumes e espaços livres, desejosos de manter na mesma um caráter singelo e universitário. Isso, entretanto, não constitui tarefa fácil de realizar, considerando

os edifícios que a compõem, edifícios que se baseiam em vastos e complexos programas construtivos¹³ (1962).

A Praça Maior constitui a entrada principal da Universidade (...) O projeto procura garantir para a praça – apesar de se tratar de edifícios de grande porte – um caráter singelo e acolhedor. Nesse sentido reduziram alturas e volumes, prevendo-a ajardinada e aprazível¹⁴ (1963).

Por meio da simples comparação entre as Figuras 10 e 11, é possível perceber como, na UnB, Niemeyer retoma a mesma estratégia compositiva da ONU. Agora, os volumes da Aula Magna (AM), Reitoria (R), Biblioteca (B) e Museu (M) correspondem aos da Assembléia Geral, Secretariado, Comissões e Conselhos da ONU.

No entanto, na UnB, a Praça cumpre duplo papel. É, na devida medida, o espaço monumental principal, recebendo os prédios de maior representatividade da Instituição, portanto devendo apresentar caráter apropriado. Mas também funciona como “porta principal”, através da qual se tem acesso ao conjunto universitário. A Figura 12 ilustra a preocupação do arquiteto com a correta implantação do conjunto (valorizado pelos fluxos de circulação e pelas perspectivas projetadas).

Lucio Costa, mesmo residindo no Rio de Janeiro, acompanhou os trabalhos de implantação e construção da UnB. Atendo, sempre que necessário, opinou sobre o processo em curso. Em novembro de 1962, o urbanista apresentou uma

¹² HOLANDA, 2010, p.51.

¹³ NIEMEYER. In. MÓDULO, 1962, p.10.

¹⁴ Oscar Niemeyer In. MÓDULO, 1963, p.33.

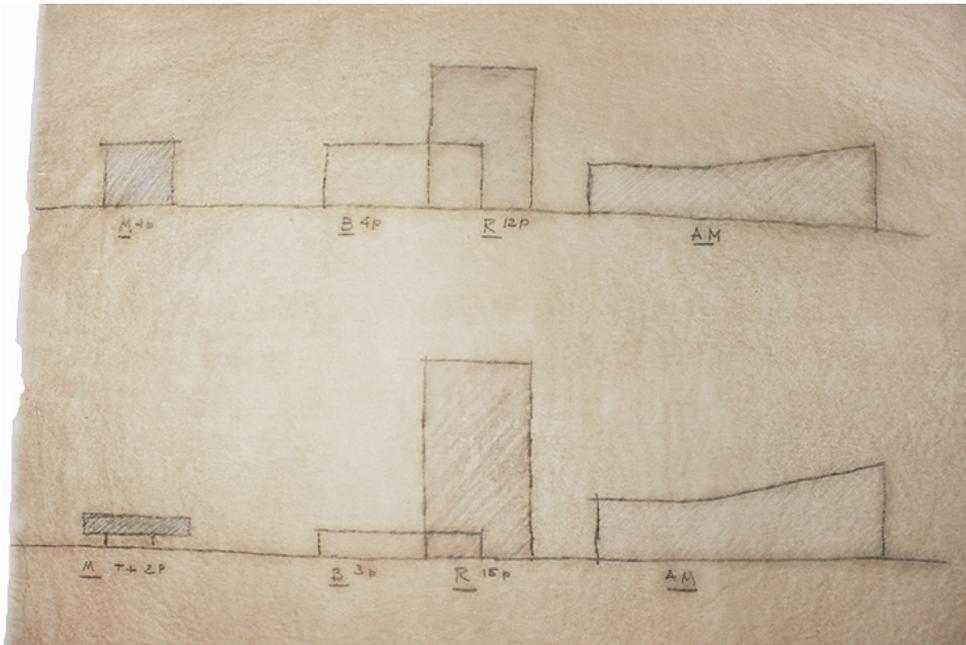


Figura 10 – Variante 1. Estudos de volumetria para a Praça Maior, Oscar Niemeyer. Série Original. Foto: Roberto Freury.

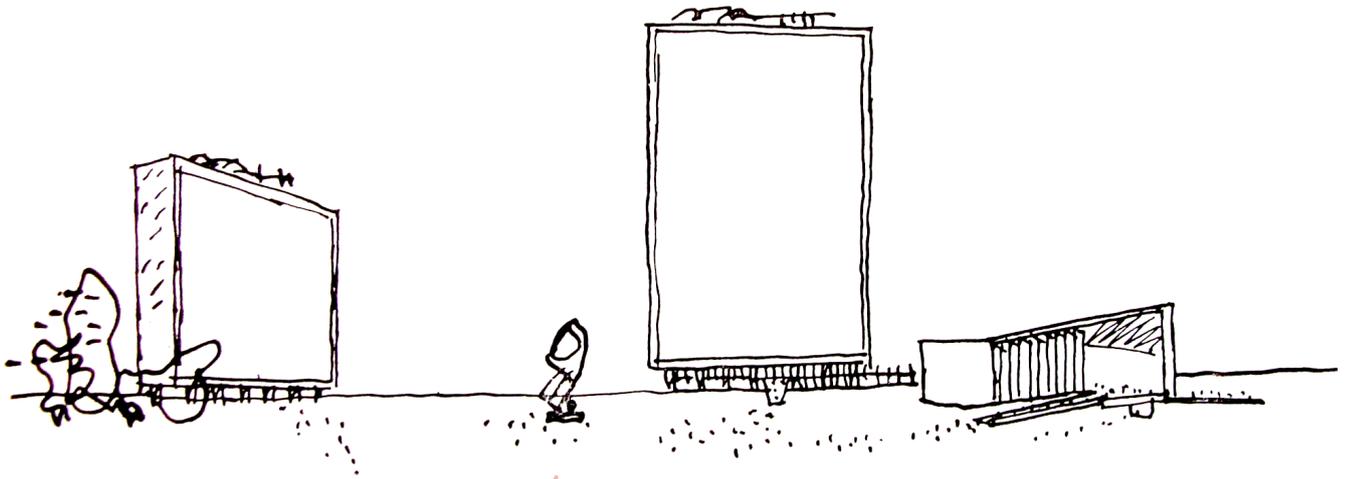


Figura 11 – Estudo de volumetria para a sede da ONU (1947), Oscar Niemeyer. Fonte: PAPADAKI, 1950, p.183.

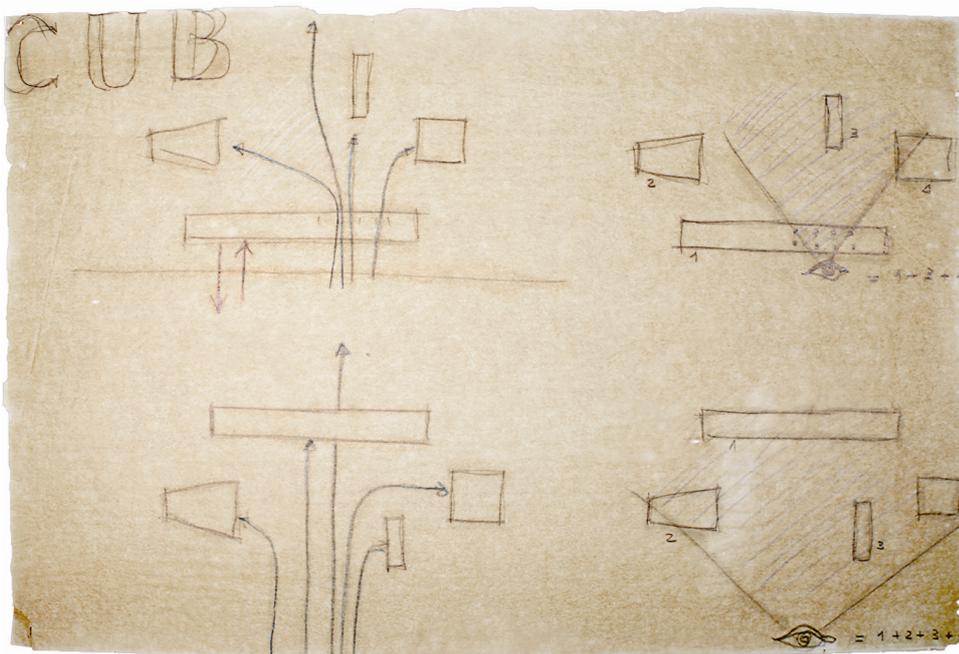


Figura 12 – Variante 1. Estudos de circulação para a Praça Maior, Oscar Niemeyer. Série Original. Foto: Roberto Freury

Figura 13 – Variante 1. Volume e implantação da Praça Maior, Oscar Niemeyer. Série Original. Foto: Roberto Freury.

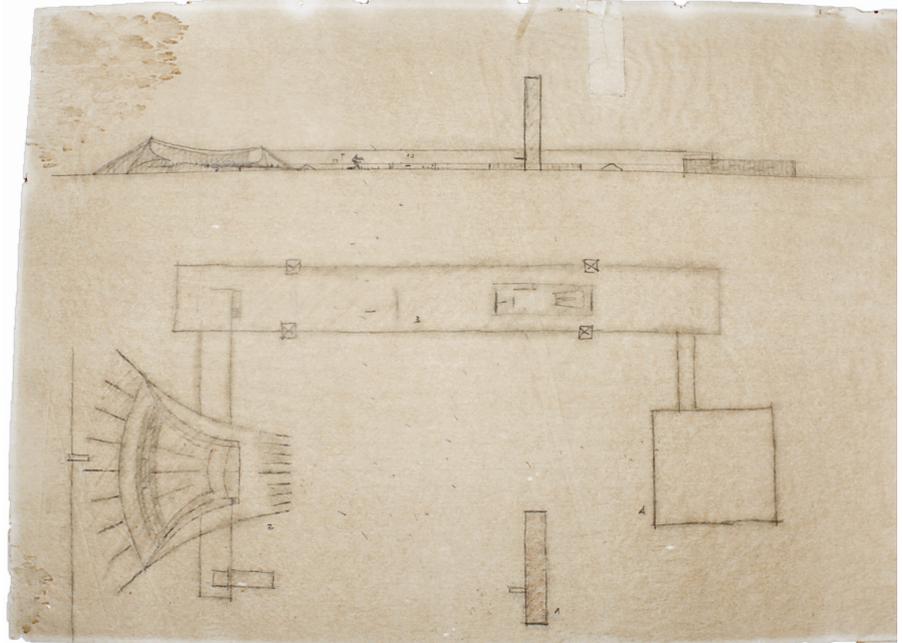


Figura 14 – Variante 1. Volume e implantação da Praça Maior, Oscar Niemeyer. Série UnB. Fonte: UNB, 1962.

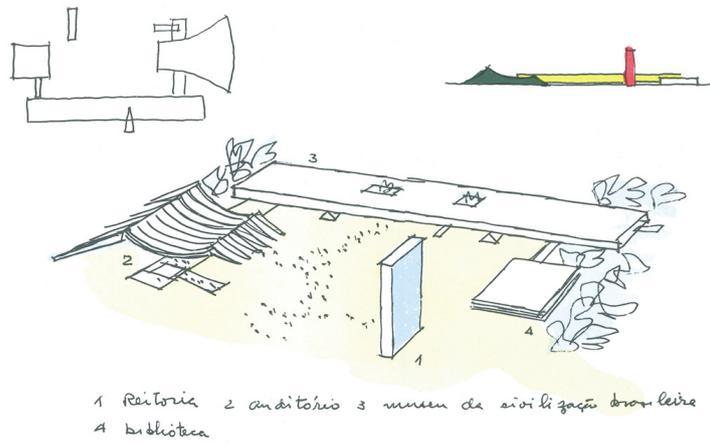


Figura 15 – Variante 1. Implantação da Praça Maior, Oscar Niemeyer. Série UnB. Fonte: UNB, 1962.

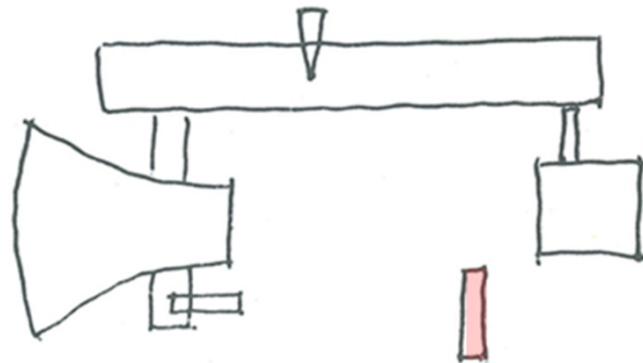
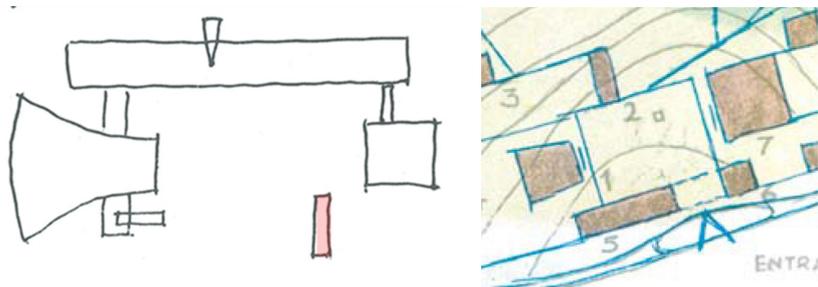


Figura 16 – Comparação entre a Praça Maior de Oscar Niemeyer (Variante 1) e a de Lucio Costa para a CUB (desenho espelhado). Fonte: UNB, 1962.



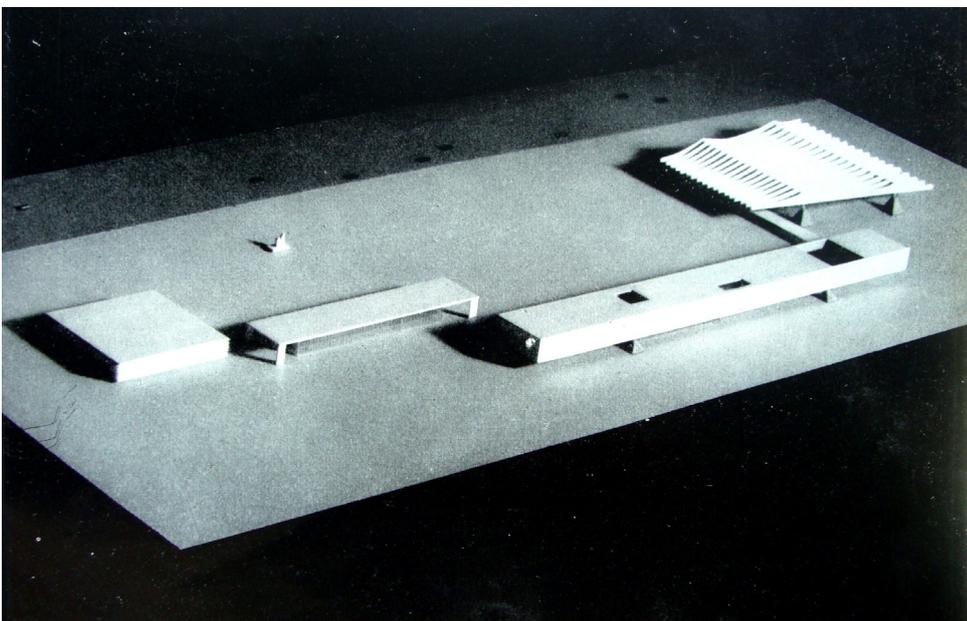
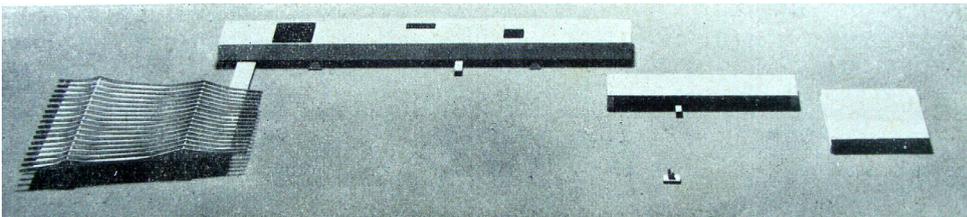
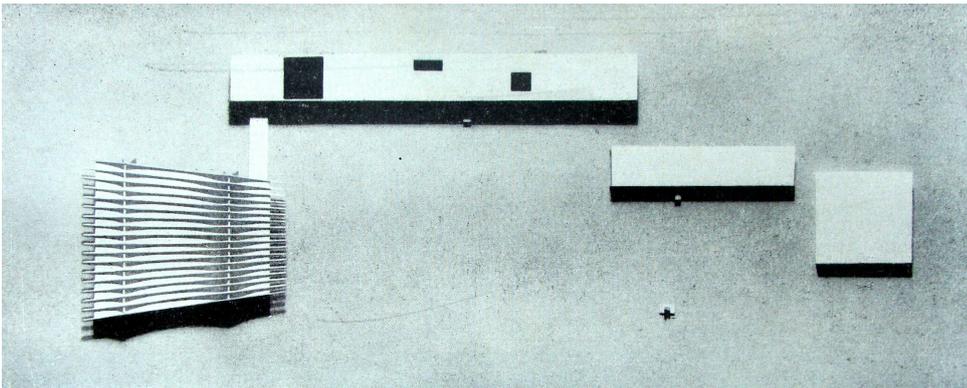
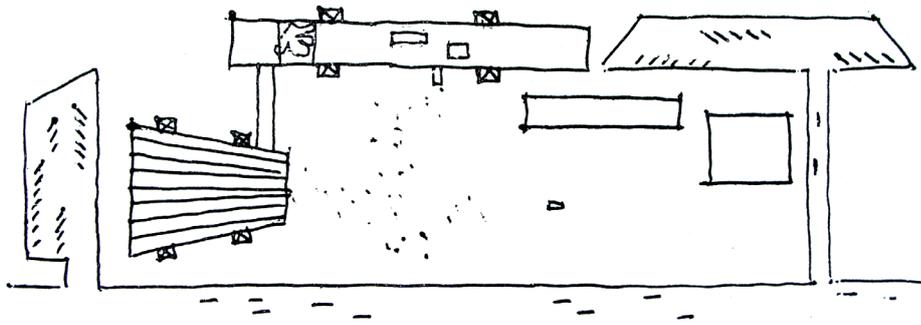


Figura 17 – Variante 2. Implantação da Praça Maior, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.7.

Figura 18 – Variante 2. Implantação da Praça Maior, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.8.

Figura 19 – Variante 2. Implantação da Praça Maior, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.7.

Figura 20 – Variante 2. Volumetria da Praça Maior, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.14.

Figura 21 – Variante 2. Implantação da Praça Maior, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.15.

proposta para a adequação e implantação da segunda Praça de Oscar Niemeyer (Figura 22). Redesenhou o sistema viário local, definiu áreas de estacionamento junto aos principais edifícios e criou uma alameda de acesso – que corresponde a um eixo arborizado que secciona transversalmente a Praça proposta, isolando o edifício da biblioteca do restante do conjunto. Mais do que isso, Lucio Costa reforçou o caráter pitoresco local, valorizando as duas vias curvas originais, desenhando massas de vegetação e sugerindo a execução de dois lagos artificiais (importantes para solucionar problemas do sítio).

Com o estabelecimento da alameda de acesso, o museu-pórtico de Oscar Niemeyer teria sua importância reduzida, uma vez que parte de sua estratégia de monumentalidade seria transferida para um novo pórtico, agora localizado junto a via L4 Norte (“Via da Universidade”). Estrutura caracterizada por uma plataforma de base quadrada na qual estaria apoiado um obelisco (elemento constantemente utilizado na obra de Lucio Costa). Lago, alameda, vegetação e obelisco foram registrados em bela perspectiva e escondem os edifícios propostos por Oscar Niemeyer.

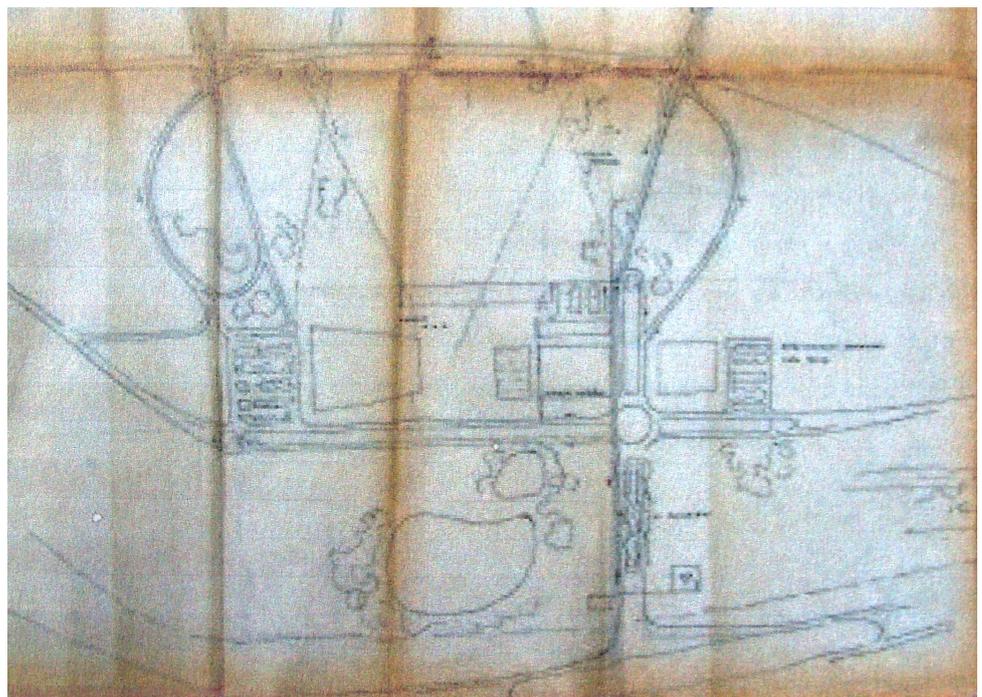


Figura 22 – Proposta de adequação da Praça Maior, Lucio Costa. Fonte: Arquivo GDF, 1962.

A Reitoria e a Biblioteca

Os documentos disponíveis exemplificam a evolução da concepção dos monumentos configuradores da Praça Maior, mas também demonstram o pouco entusiasmo de Oscar Niemeyer com o edifício da reitoria e, particularmente, com o da biblioteca.

Na Variante 1 – como na CUB do Rio de Janeiro – o prédio da administração central é uma torre com base retangular (10 x 25m), quinze pavimentos, fachadas norte e sul totalmente envidraças e empenas completamente cegas (Figura 23 e Figura 24). Por sua vez, a biblioteca foi simplesmente pensada como uma construção com base quadrada (50 x 50m) de

três pavimentos – sem outras definições ou desenvolvimentos (Figura 24).

Já na Variante 2, a reitoria assume outra configuração. Perde a sua função de marco visual de toda a Instituição – provavelmente por solicitação de Lucio Costa –, e passa a ser “resolvida” em um prédio igualmente de base retangular com apenas três pavimentos (Figura 21). Como modelo, será reutilizado, anos mais tarde, pelo arquiteto Nauro Esteves no projeto do Palácio do Buriti (1969).

Curiosamente, a partir da década de 70, apenas reitoria e biblioteca seriam executadas, mas segundo projetos distintos, elaborados e detalhados por outros profissionais.

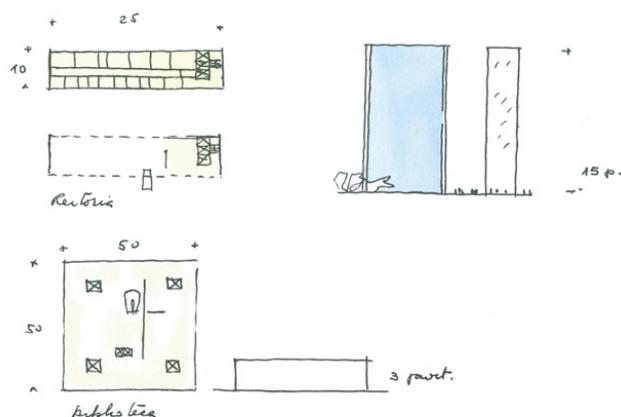
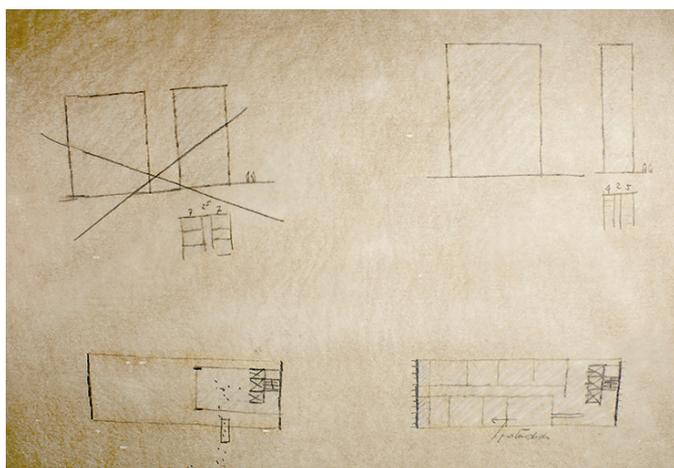


Figura 23 – Variante 1. Reitoria, Oscar Niemeyer. Série Original (Foto: Roberto Freury)

Figura 24 – Variante 1. Reitoria e Biblioteca, Oscar Niemeyer. Série UnB (Fonte: UNB, 1962)

O Auditório ou a Aula Magna

Solução típica para uma sala de espetáculos é decompor o programa de necessidades e resolvê-lo em partes distintas que denunciem e valorizem cada função (foyer, plateia e palco). Foi a adotada na Ópera de Paris (1860), ou nos teatros municipais de São Paulo (1903) e do Rio de Janeiro (1905). Mas nos primeiros riscos para o auditório da UnB, foyer e plateia, em “leque”, estão sob uma mesma cobertura curva e com exoesqueleto estrutural (Figura 25), como no auditório de Belo Horizonte (1943), também de Oscar Niemeyer (Figura 26). Por outro lado, coxias e apoio foram tratados em volume único, que lembra os do terraço jardim do MESP (1936).

Não satisfeito com o resultado obtido, Oscar Niemeyer passou a abrigar sob a mesma cobertura todo o programa de necessidades, afastando-se definitivamente do modelo casa de ópera. Agora, é o auditório do MESP (1948), igualmente não construído, que dita à solução a seguir. Inclusive porque, em ambos os casos, os volumes propostos relacionam-se diretamente com as elevações dos edifícios principais: o do ministério e o da reitoria (Figura 27 e Figura 28).

Lentamente, a onda do MESP cobriu o auditório da UNB, mas logo tomou a forma de uma catenária ou de um plano suspenso entre dois pontos e sob a ação da gravidade. Exoesqueleto estrutural e “tendas” são soluções recorrentes na obra de Oscar Niemeyer, desde a Residência Canavellas em Pedro do Rio (1954) até o Pavilhão Serpentine de Londres (2003),

passando pelo altar da primeira missa, pela igreja de N. S. de Fátima e pelo Teatro Nacional, já em Brasília. A solução obtida, perfeitamente representada na Figura 32, foi logo subvertida. A sugestão de uma tenda desapareceu. E a cobertura se fez quase plana, com as vigas expostas assumindo o desenho dos diagramas de momento fletor. Nasceu assim a idéia de um grande abrigo a proteger um auditório. Antes, rampas e passarelas engastaram e atravessaram o volume do foyer – mais uma vez como no auditório do MESP ou na assembleia geral da ONU (Figura 32 e Figura 33).

A nova solução, a do grande abrigo, é mais sofisticada. A cobertura se fez plana e ganhou a forma de um trapézio (com 80 e 50m de base e 90m de altura), estruturada em uma sequência de 18 vigas protendidas invertidas. Cada viga vence um vão de 50m (para o auditório) e estabelece dois balanços de 20m (para as praças de acesso). Todo o conjunto está apoiado em apenas quadro robustos pilares piramidais, idênticos aos desenvolvidos para o Museu da Civilização Brasileira (Figura 34 e Figura 35), e que emprestam grande vigor ao conjunto da Praça Maior. Sob tal abrigo, Oscar Niemeyer depositou um auditório semienterrado. E envidraçou toda a fachada leste, descortinando o Lago Paranoá (Figura 39).

Ainda em 1962, o arquiteto projetou, com o mesmo desenho, as vigas de cobertura do Touring Club de Brasília, do Iate Club da Pampulha e de um Centro Esportivo para o Líbano.

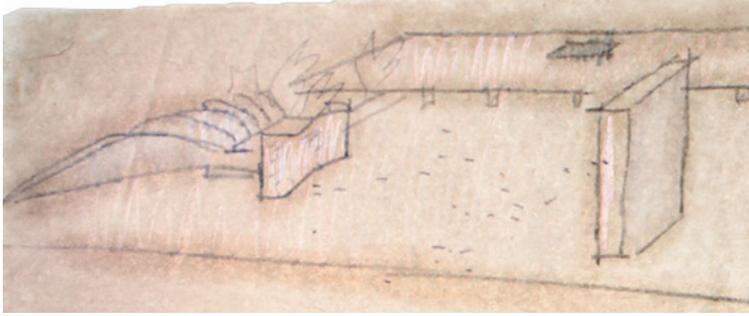


Figura 25 – Variante 1. Auditório, Oscar Niemeyer. Série UnB. Foto: Roberto Freury.

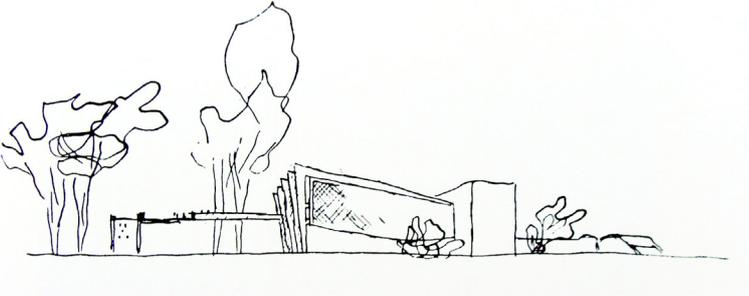


Figura 26 – Estudo para o auditório de Belo Horizonte (1943), Oscar Niemeyer. Fonte: PAPA-DAKI, 1950, p.113.

Figura 27 – Variante 1. Auditório, Oscar Niemeyer. Série Original. Foto: Roberto Freury.

Figura 28 – Estudos para auditório do MESP (1948), Oscar Niemeyer. Fonte: PAPADAKI, 1950, p.197.

Figura 29 – Variante 1. Auditório, Oscar Niemeyer. Série Original. Foto: Roberto Freury.

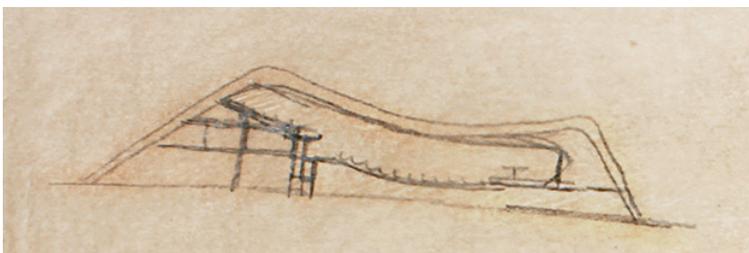
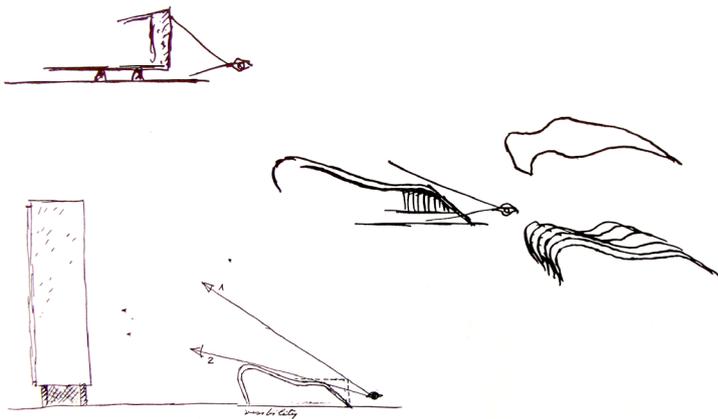
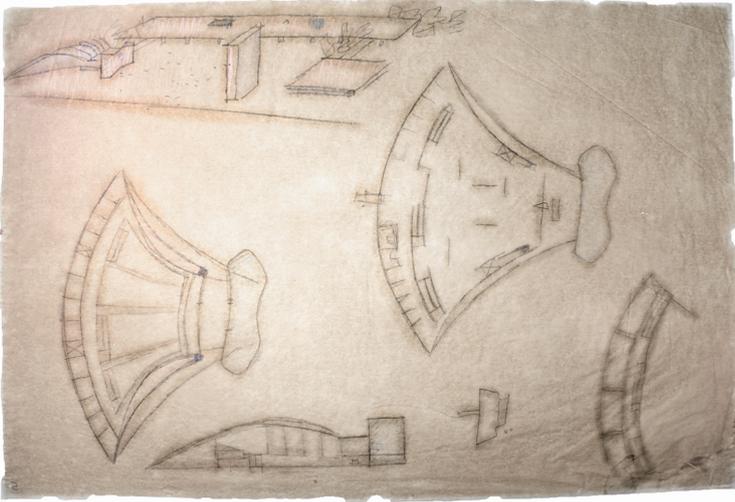


Figura 30 – Variante 1. Auditório, Oscar Niemeyer. Série Original. Foto: Roberto Freury.

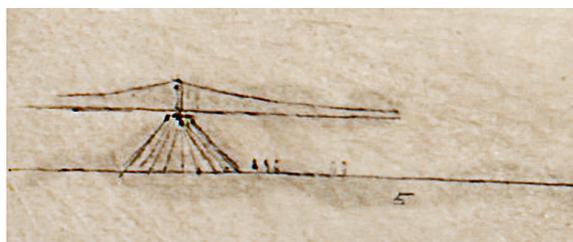
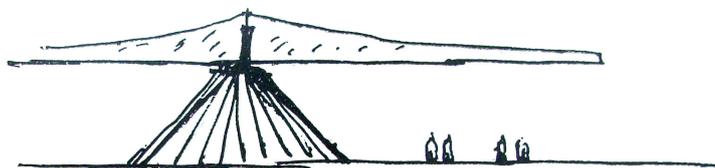
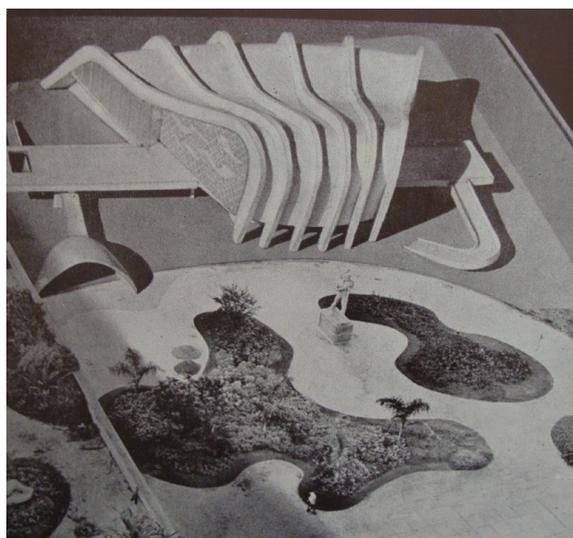
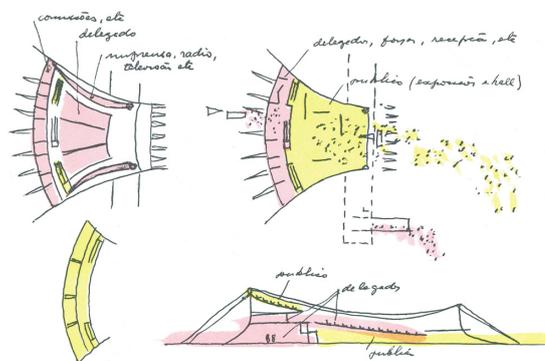
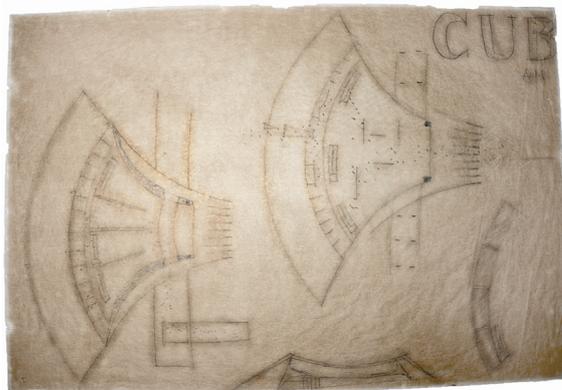
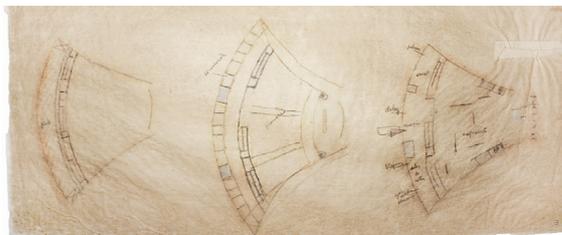
Figura 31 – Variante 1. Auditório, Oscar Niemeyer. Série Original. Foto: Roberto Freury.

Figura 32 – Variante 1. Auditório, Oscar Niemeyer. Série UnB. Fonte: UNB, 1962.

Figura 33 – Maquete do auditório do MESP (1948), Oscar Niemeyer. Fonte: PAPADAKI, 1950, p.200.

Figura 34 – Variante 2. Coluna do Auditório, Oscar Niemeyer. Série Original. Foto: Roberto Freury.

Figura 35 – Variante 2. Coluna do Auditório, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.7.



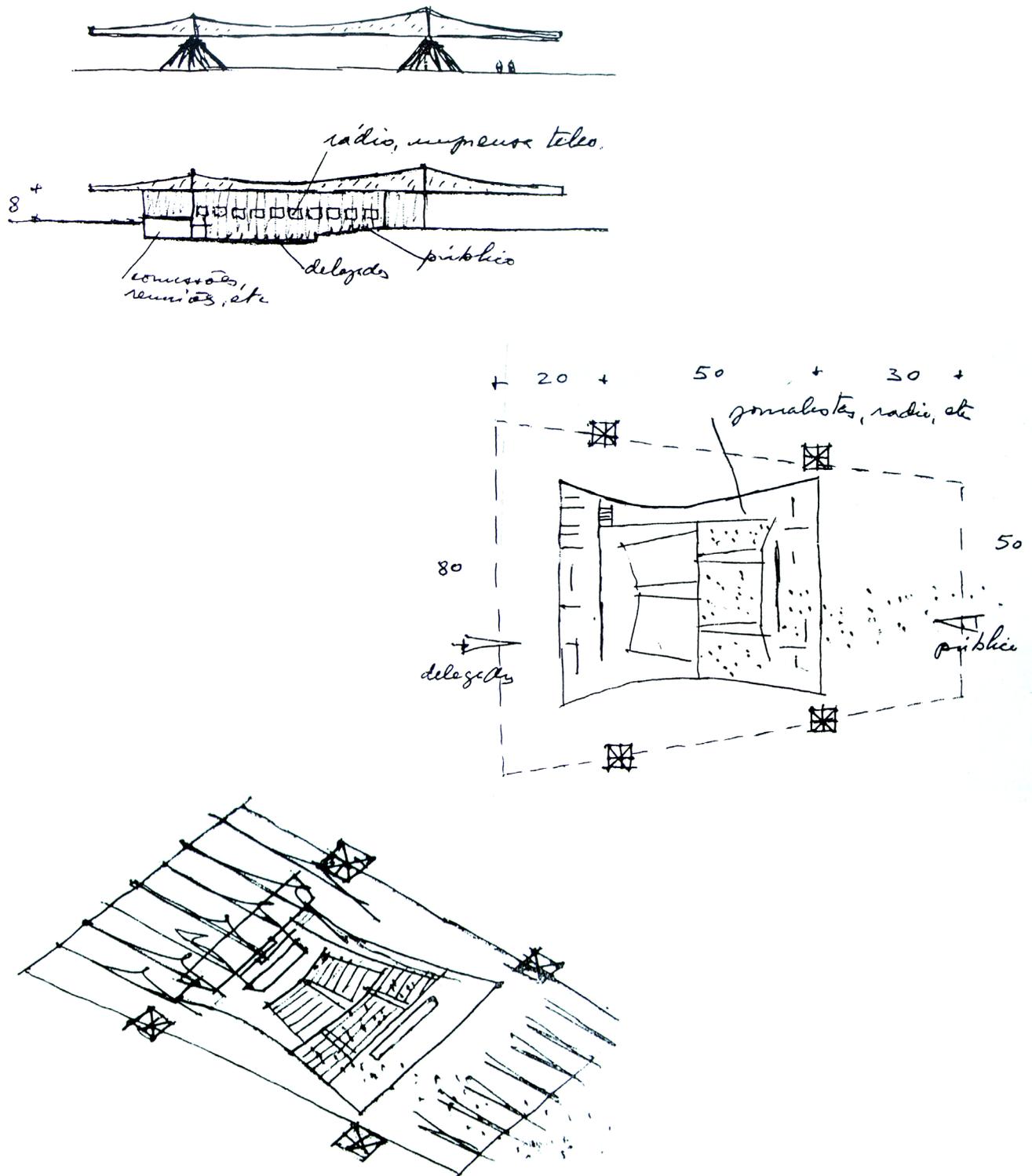
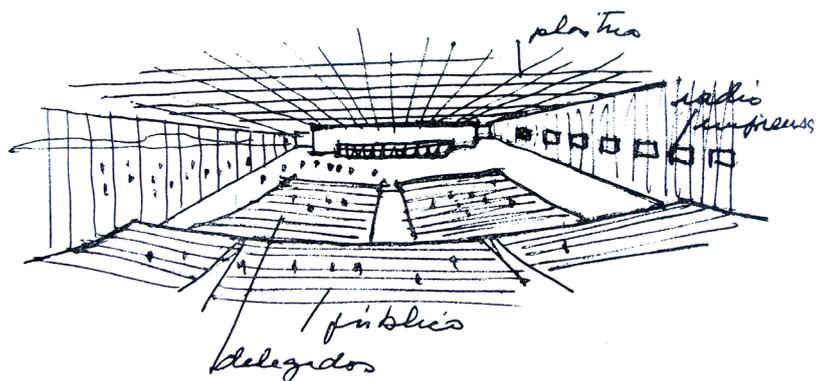


Figura 36 – Variante 2. Cortes do Auditório, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.7.

Figura 37 – Variante 2. Auditório, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.11.

Figura 38 – Variante 2. Auditório, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.12.

Figura 39 – Variante 2. Interior do Auditório, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.12.



¹⁵ Oscar Niemeyer In. MÓDULO, 1962, p.8.

Segundo Oscar Niemeyer:

O projeto procura atender os problemas dentro dos princípios de simplicidade fixados, o que não nos impediu, entretanto, de conceber estruturas atualizadas, nem tampouco os grandes vãos e balanços que a arquitetura solicitava, quando o sistema estrutural se apresentava natural e intuitivo. Assim, no Auditório, a cobertura se apóia somente em quatro montantes, sobre os quais se distribui um conjunto de vigas que garante – sem dificuldades – vencer os vãos e os balanços projetados...¹⁵

O Museu da Civilização Brasileira

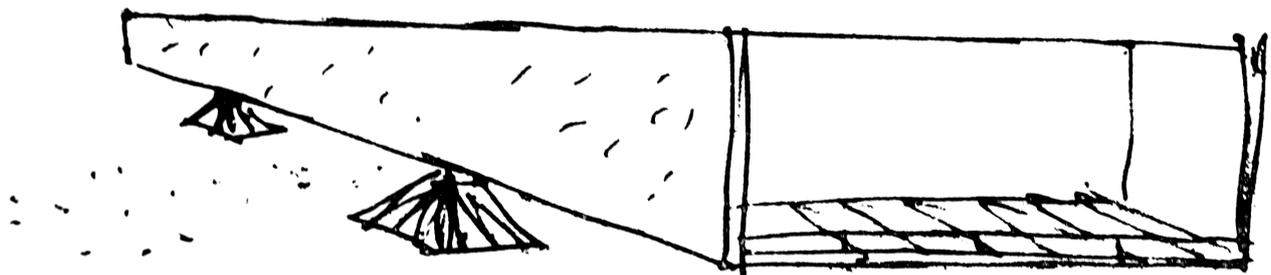
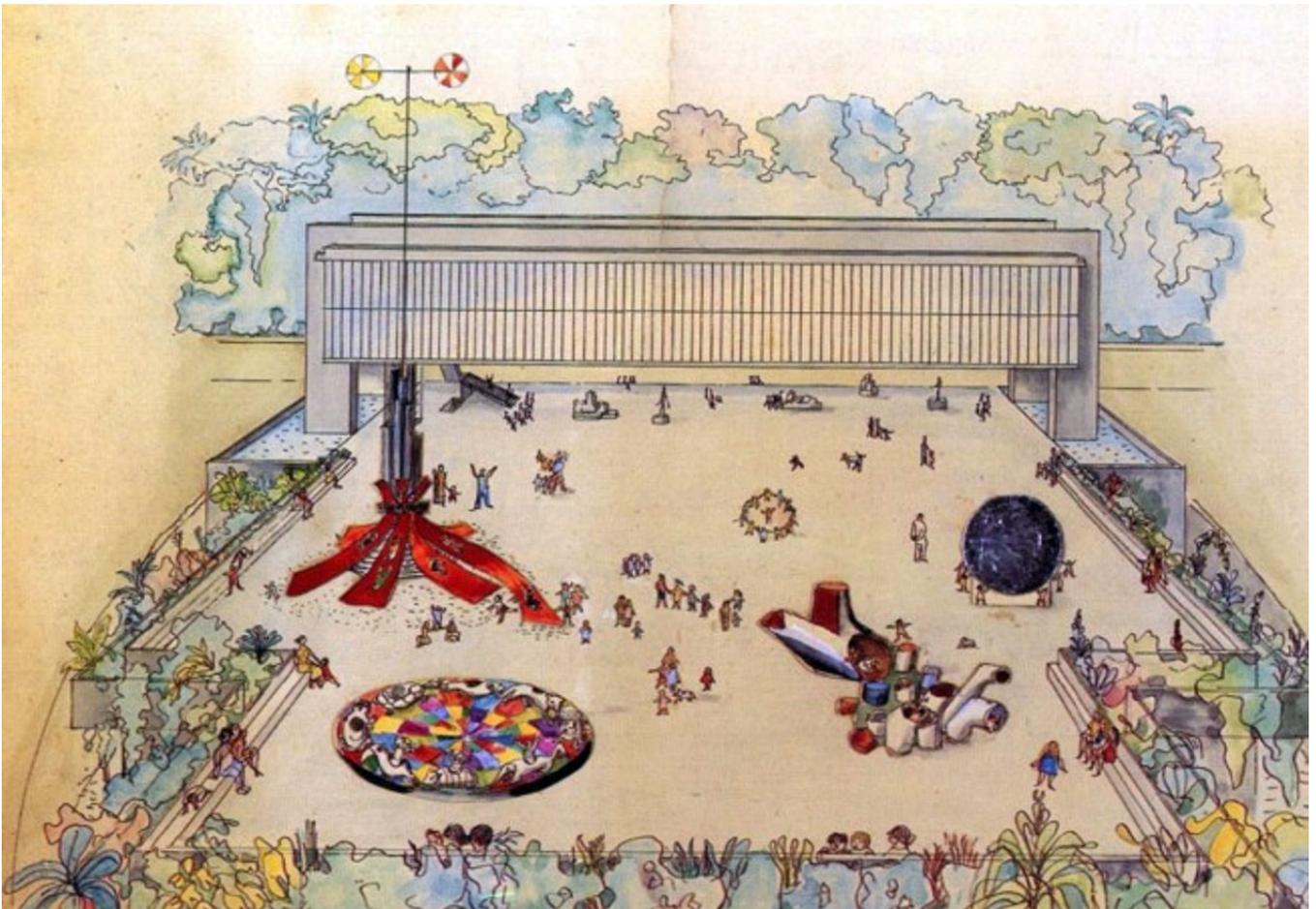
Ao contrário do auditório, o chamado Museu da Civilização Brasileiro – outro sonho de Darcy Ribeiro – não tem precedentes na obra de Oscar Niemeyer. Um longo edifício-barras (com aproximadamente 140 m de comprimento, 30 de largura e 10 de altura), apoiado sobre quatro bases piramidais. Enquanto o museu propriamente dito foi resolvido no interior da barra, apenas iluminada zenitalmente e por um jardim lateral; o *pilotis* (de 4m) atua como praça coberta e como porta de acesso à Universidade (Figura 12 e Figura 14). Ainda segundo Oscar Niemeyer:



Figura 40 – Museu à beira do oceano, São Vicente, Lina Bo Bardi. Fonte: FERRAZ, 1996, p.90.

Figura 41 – Praça e Hall Cívico do MASP, Lina Bo Bardi. Fonte: FERRAZ, 1996, p.111.

Figura 42 – Variante 2. Museu apoiado em quatro pilares e duas “paredes vigas”, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.14.



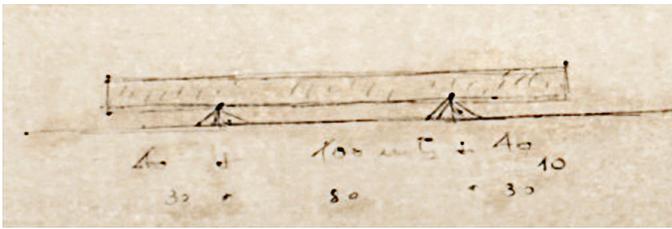
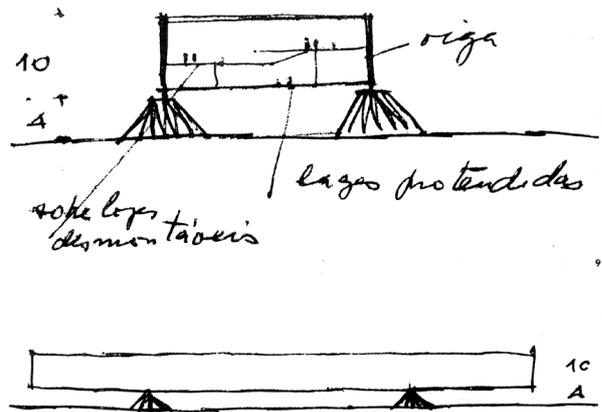
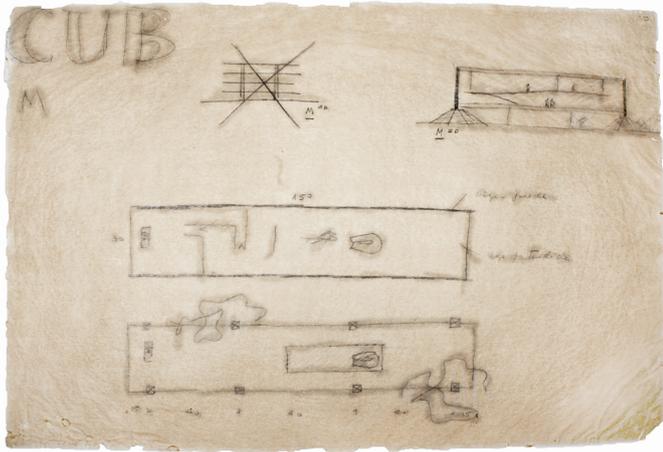


Figura 43 – Variante 1. Museu apoiado em oito pilares. Série Original. Foto: Roberto Freury.

Figura 44 – Variante 2. Museu, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.13.

Figura 45 – Variante 2. Museu. Série UnB. Foto: Roberto Freury.

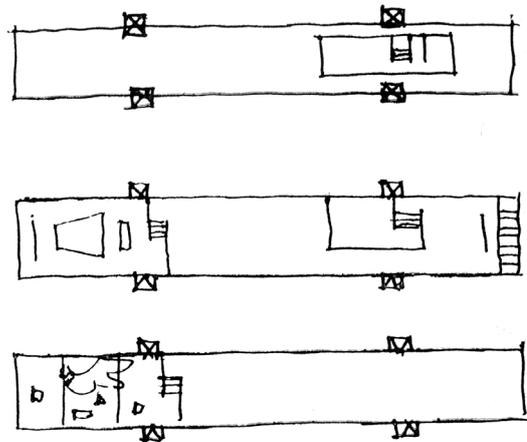
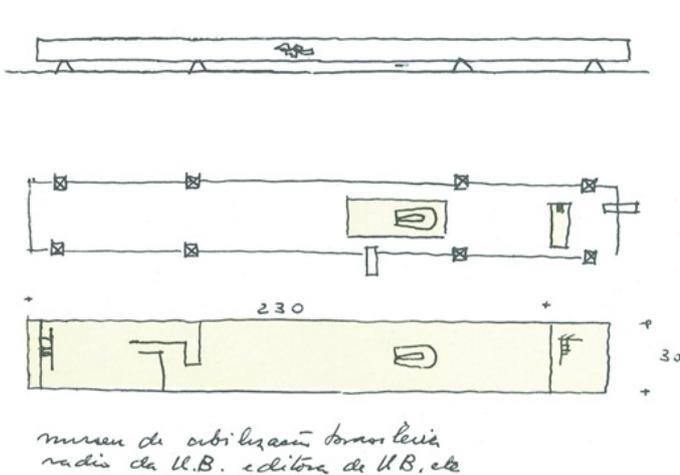


Figura 46 – Variante 1. Museu apoiado em oito pilares, Oscar Niemeyer. Série UnB. Fonte: UNB, 1962.

Figura 47 – Variante 2. Museu apoiado em quatro pilares, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.13.

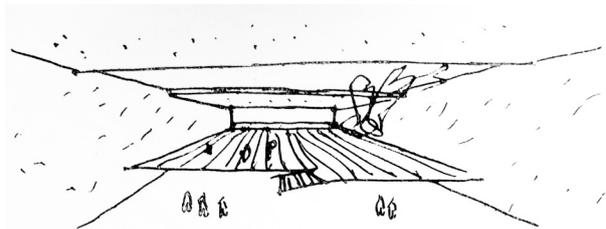
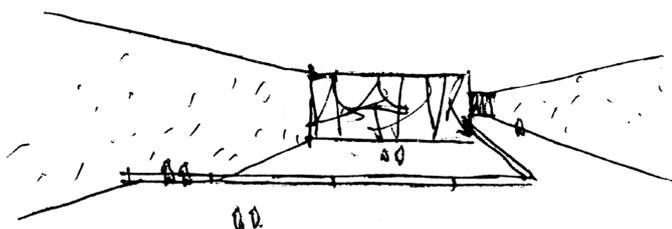


Figura 48 – Variante 2. Interior do Museu, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.14.

Figura 49 – Variante 2. Interior do Museu, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.14.

...Vãos e balanços que assumem aspecto surpreendente no prédio do Museu – 80 e 30 metros – e que o exame das plantas demonstra como foi fácil para o calculista obtê-los, transformando as paredes longitudinais em vigas-paredes, com 10m de altura¹⁶

Antes de Oscar Niemeyer, Lina Bo Bardi havia experimentado algo semelhante para abrigar um museu. Juntamente com os estudos de casas econômicas (1951), ela propôs um edifício barra elevado, mas não indicou a sua função. No mesmo ano, a proposta reapareceu no “Museu à beira do oceano” (São Vicente), quando suspendeu o bloco de exposições por meio de cinco pórticos transversais. Já em 1957, os estudos anteriores ganharam forma no Museu de Arte de São Paulo. Desta vez, desenhou uma solução “direta e despida”¹⁷, ou seja, um grande bloco elevado (ventilado e iluminado por *sheds*), apoiado em um conjunto de quatro pilares e quatro vigas protendidas, obtendo um vão de 70m para o “hall cívico”.

Não executado na UnB – e como é comum na obra de Oscar Niemeyer – a idéia de um grande edifício-barra foi retomada e deu origem a outros projetos. É o caso da sede do Instituto de Educação do Paraná (1967), atual Museu Oscar Niemeyer de Curitiba; do bloco de classes da Universidade de Constantine (1969-1977), na Argélia; e do terminal rodoferroviário (1973-1981), em Brasília.

CONCLUSÃO: DOCUMENTO

A Universidade de Brasília, da maneira como foi pensada por Darcy Ribeiro e por seus fundadores não chegou a existir plenamente. Foi um sonho bravamente implantado, mas que durou poucos anos, uma vez que foi bruscamente interrompido. Da mesma forma, a sua Praça Maior, conforme imaginada por Lucio Costa e projetada por Oscar Niemeyer não chegou a ser executada. E nunca será! Outras formas de pensar e fazer arquitetura se afirmaram, inclusive com apoio de Niemeyer. Assim, como no caso do Museu da Caracas (1954), o conjunto da Praça Maior da UnB só pode ser realmente estudado e compreendido a partir dos desenhos e das fotos das maquetes elaborados nos primeiros anos da década de 1960. Ou seja, a obra só existe na sua documentação iconográfica – na Série da UnB, na Série da Módulo e na Série Original. Documentos que auxiliam no entendimento do processo criativo de Oscar Niemeyer, identificando as suas soluções preferenciais, o seu repertório usual, as suas estratégias compositivas recorrentes, os precedentes projetuais importantes e, até, os desdobramentos futuros de suas opções. Documentos que permitem, também, reconhecer a constante preocupação de Oscar Niemeyer – atuando a maneira de Le Corbusier (ou de Palladio...) – em divulgar a sua obra: escrevendo pequenas memórias ilustradas para os projetos (Figura 50); produzindo desenhos especialmente para as publicações (Figura 51); e supervisionando pessoalmente tais publicações – o que inclui a aprovação das imagens e desenhos divulgados (Figura 52).

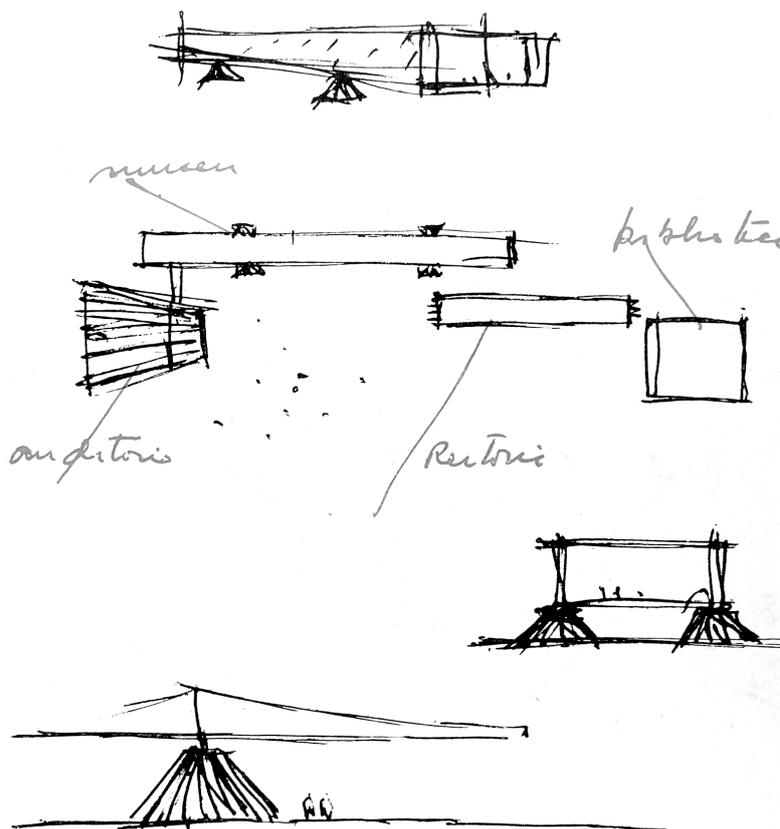
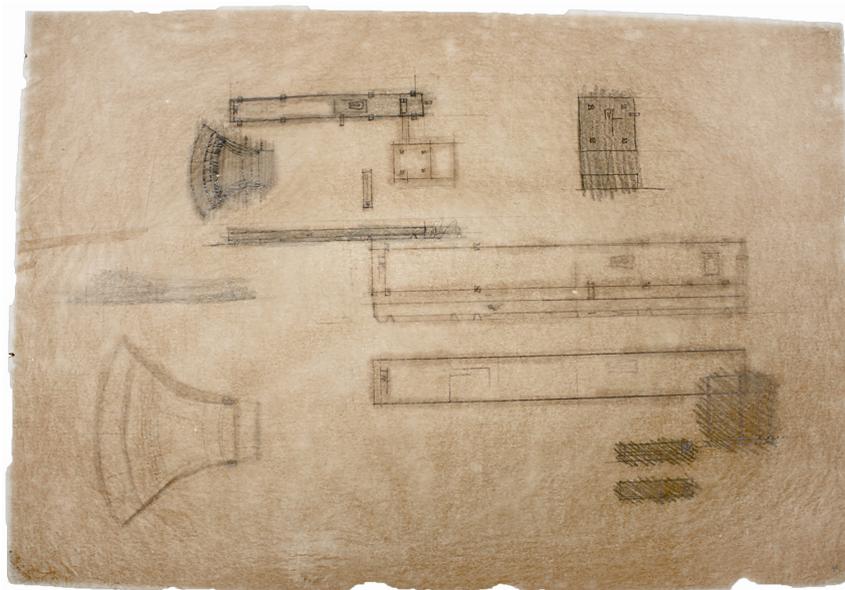
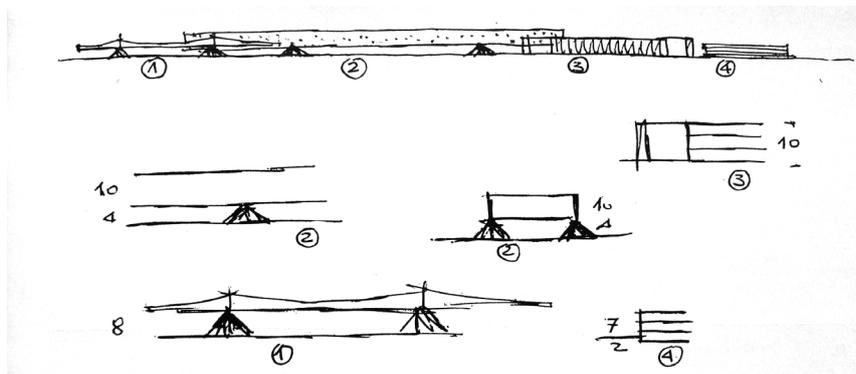
¹⁶ Oscar Niemeyer In. MÓDULO, 1962, p.8.

¹⁷ Lina Bo Bardi In. FERRAZ, 1996, p.100.

Figura 50 – Estudo dos apoios, Oscar Niemeyer. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, p.15.

Figura 51 – Estudos “decalcados” para publicação. Série Original. Foto: Roberto Freury.

Figura 52 – Ilustrações para a capa da revista Módulo. Serie Módulo. Fonte: MÓDULO, 1962, capa.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- COSTA, Lucio. **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresas das Artes, 1995.
- DARCY. **Da idéia ao traço do professor Niemeyer**. Brasília: UnB, n.3, nov. 2009.
- FERRAZ, Marcelo. **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Instituto Lina Bo e P. M. Bardi, 1996.
- FOLHA DE SÃO PAULO. Do baú de Niemeyer. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrad/fq2411200907.htm>>. Acesso em: 24. jan. 2010.
- MAHFUZ, Edson. O clássico, o poético e o erótico: método, contexto e programa na obra de Oscar Niemeyer. In. GUERRA, Abílio (org.). **Textos fundamentais sobre história da arquitetura moderna brasileira**. Vol.2. São Paulo: RG, 2010.
- MÓDULO. Praça Maior da Universidade de Brasília. Rio de Janeiro: **Módulo**, n.28, jun., 1962.
- MÓDULO. Praça Maior da Universidade de Brasília. Rio de Janeiro: **Módulo**, n.32, mar., 1963.
- PAPADAKI, Stamo. **The work of Oscar Niemeyer**. Nova York: Reinhold, 1950.
- PEREIRA, Miguel. **Arquitetura: cultura, formação, prática e política profissional**. São Paulo: Pini, 2005.
- RIBEIRO, Darcy. **UnB: invenção e descaminho**. Rio de Janeiro: Avenir, 1978.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. A praça do maquis. **MDC - Revista de Arquitetura e Urbanismo**. Disponível em: <<http://mdc.arq.br/2009/02/04/a-praca-do-maquis>>. Acesso em: 4.fev.2009.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. **O pitoresco nas regras da cidade moderna. Lucio Costa e o plano da cidade universitária de Brasília**. Brasília: inédito, 2010.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. The campus of the University of Brasília. Brasília: inédito, 2011.
- SCHLEE, Andrey Rosenthal. **Um registro necessário**. Brasília: Ceplan-UnB, 2006.
- UNB. **Plano de desenvolvimento físico**. Brasília: EdUNB, 1975.
- UNB. **Plano orientador da Universidade de Brasília**. Brasília: EdUNB, 1962.

ANDREY ROSENTHAL SCHLEE – Professor Titular da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de Brasília; Diretor de Patrimônio Material e Fiscalização do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (2012 a 2019).
andreyrosenthal@gmail.com.